

Eduardo Natalino dos Santos

DEUSES DO MÉXICO INDÍGENA
Estudo comparativo entre narrativas
espanholas e nativas

SBD-FFLCH-USP



267336



Editora Palas Athena

UNIDADE HISTÓRICA E CULTURAL

Quando os primeiros castelhanos chegaram em Tenochtitlan, capital dos domínios mexicas, estavam adentrando em uma jovem cidade que fazia parte de um processo urbanístico que se iniciara 3.000 anos antes. Quando os missionários instalados na Nova Espanha decidiram produzir narrativas que, de alguma forma, versassem sobre os deuses dos povos que pretendiam converter, estavam lidando com convicções muito antigas e que se encontravam disseminadas por uma enorme região. Quando os sábios ou alunos indígenas concediam algum depoimento aos cronistas religiosos espanhóis ou confeccionavam seus próprios escritos, estavam se ancorando em um antigo e difundido sistema de escrita pictográfica.

Esses são alguns elementos culturais que não podem ser atribuídos apenas aos povos que habitavam o Altiplano Central Mexicano durante o século XVI, isto é, não podemos conferir a criação das deidades, do sistema calendário¹ e das explicações cosmogônicas presentes nas fontes coloniais nativas e nas crônicas espanholas aos recém-chegados mexicas e outros povos do Altiplano Central. Estes povos, apesar de todas suas criações culturais particulares, compartilhavam características civilizacionais comuns a todos os outros povos que habitavam a região denominada de Mesoamérica. Portanto, para entendermos melhor os deuses mesoamericanos no momento da chamada conquista espiritual², temos antes de entender que essas deidades eram fruto de um longo desenvolvimento histórico-cultural. Não podemos abstrair os deuses, por mais incorpóreos que pareçam, do mundo em que foram

1. A palavra *calendário* e suas variações podem ser substantivos ou adjetivos.

2. Expressão que se refere ao longo processo de conversão dos povos indígenas ao cristianismo e que se consagrou com a publicação da obra de Robert Ricard, *La conquista espiritual del México*.

elaborados. Suas características e significados se relacionam diretamente a situações concretas, vividas por pessoas de carne e osso, e, portanto, só fazem sentido em meio ao mundo social que os criou, mundo de que tratamos abaixo.

Sei que, num primeiro momento, o leitor poderá ter alguma dificuldade com tantas datas e nomes estranhos que serão citados. O mundo ocidental está acostumado a pensar nos povos indígenas como partes da natureza, isto é, como se não possuíssem culturas particulares que foram se constituindo e transformando ao longo do tempo; como se não tivessem história, categoria que reservamos para os egípcios, babilônios ou gregos – considerados antecessores do mundo ocidental – ou para os outros povos apenas a partir do momento em que tomaram contato com os europeus; como se antes houvessem vivido num imobilismo total, do qual foram salvos pelo homem ocidental. Veremos nas linhas seguintes que as coisas não funcionam desse modo.

O termo *Mesoamérica* foi utilizado pela primeira vez por Paul Kirchhoff³, em 1943, o qual desenvolveu esse conceito com base nas reflexões de outros estudiosos que desde o século XIX se dedicavam aos estudos das *antigas civilizações do México e da América Central*. Kirchhoff definiu um conjunto de características que eram partilhadas por diversos povos que habitavam partes do México e da América Central, ou seja, apesar de uma série de particularidades locais que distinguiam, por exemplo, os maias dos zapotecos, Kirchhoff percebeu que ambos partilhavam de características culturais fundamentais, que os ligavam a uma grande família cultural e histórica.

As características culturais comuns estabelecidas então foram: a utilização de um bastão de madeira com a ponta afiada e endurecida no fogo para se plantar (*coa*); o cultivo do milho como base de alimentação; a produção de papel e de *pulque* (bebida alcoólica fermentada) com o agave (*maguey*, planta da mesma família que o sisal); a utilização de

práticas de auto-flagelação e de sacrifícios humanos com finalidades religiosas; o cultivo do cacau; a construção de pirâmides escalonadas; a prática do jogo de pelota e a produção de armas de madeira com bordas de lâminas de pedra, principalmente obsidiana e sílex.

Com o avanço dos estudos sobre a Mesoamérica, às características propostas por Kirchhoff somaram-se outras, mais ligadas ao campo do pensamento e visão de mundo. Atualmente, os especialistas acreditam que as principais características do pensamento mesoamericano são: a utilização de um preciso sistema de calendário baseado em dois ciclos concomitantes; a convicção da existência de vários sóis ou idades anteriores; a divisão do espaço horizontal em quatro direções e um centro, e do espaço vertical em treze céus e nove inframundos; a produção de livros, e a presença de três grandes famílias linguísticas – o macrootomangue, o macromaiá e o iuto-asteca.

Outras convicções ainda são apontadas como características marcantes do pensamento mesoamericano: a convicção de que a formação e o desenvolvimento do cosmos resultaram de uma dualidade essencial, e de que os homens são obrigados a contribuir com a força vital de seu sangue para a continuidade do Universo, devendo agir de acordo com os destinos determinados pelo tempo e manifestos nos calendários.⁴

Geograficamente, os povos que compartilhavam essas características habitavam, em tempos pré-hispânicos, a região que vai desde o centro de Honduras e noroeste de Costa Rica até o México, onde seus limites são os Estados de Tamaulipas (rio Soto la Marina) e Sinaloa (rio Fuerte), e de uma a outra costa marítima (Mapa 1). Essa unidade é marcadamente perceptível desde o chamado Período Clássico (200 a.C. - 800 d.C.) até, pelo menos, o século XVII. Essa região abarca 906.000 km² e uma grande diversidade ecológica e geográfica, além de uma complexa história geológica, repleta de soerguimentos de montanhas e atividades vulcânicas recentes. Veremos mais adiante que as explicações sobre

3. Cf. KIRCHHOFF, Paul. "Mesoamérica: sus límites geográficos, composición étnica y caracteres culturales." In: *Suplemento da Revista Tlaloni*, n.º 3.

4. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *El destino de la palabra: de la oralidad y los códices mesoamericanos a la escritura alfabética*.



Mapa 1: A região da Mesoamérica com destaque para os domínios mexicas na época da chegada dos espanhóis. BERNAND, Carmen, GRUZINSKI, Serge. *História do Novo Mundo*, pág. 329.

a origem do mundo e dos seres vivos confeccionadas pelos povos mesoamericanos foram muito influenciadas por esses fatos geológicos.⁵

Vale notar que as fronteiras culturais americanas em tempos pré-hispânicos, coloniais ou atuais não coincidem com as fronteiras dos países modernos e que, ao estudar-se uma determinada característica cultural, como os deuses e seus feitos, não faz muito sentido falar em termos de indígenas mexicanos ou estadunidenses, já que os grupos que se encontram num mesmo país podem estar muito mais distantes culturalmente do que aqueles que se encontram em lados diferentes de uma fronteira nacional atual. Por exemplo, os grupos indígenas do norte do México estão culturalmente muito mais próximos dos indígenas do sul dos Estados Unidos, enquanto a cultura maia do sul do México se estende por vários países da América Central.

Dessa forma, quando o título deste trabalho se refere ao *México indígena*, na verdade está-se referindo à Mesoamérica, que, como vimos

5. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. "A Mesoamérica antes de 1519." In: BETHELL,

Leslie. *História da América Latina: América Latina colonial*, vol. I, págs. 25-61.

acima, não abrange o norte do México e avança para além de sua fronteira sul em direção a Belize, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Costa Rica e até El Salvador.

Antes de tratarmos com detalhes as principais características dos povos mesoamericanos, vejamos um esboço da história da formação desses povos e dessa unidade cultural.

OS PRIMEIROS HABITANTES

Os estudos realizados nas últimas décadas vêm revelando que tudo na história da América é muito mais antigo do que se supunha. Cito apenas três acontecimentos recentes na arqueologia americana: a reviravolta causada pelos arqueólogos brasileiros com a datação de objetos confeccionados pelo homem em aproximadamente 30.000 anos; a reconstrução facial de um crânio, batizado de Luzia, que teria traços muito mais característicos de povos africanos ou australianos do que de povos indígenas americanos, e os últimos estudos peruanos no sítio arqueológico de Caral, localizado na Costa Central Peruana, que revelam que, por volta do ano de 2600 a.C., seus habitantes construíam cidades com canais de irrigação e estruturas piramidais.

Esses três casos são importantes porque até muito pouco tempo se acreditava que o homem habitava a América há apenas 10 mil ou 12 mil anos, e que a ocupação do continente teria sido feita, exclusivamente, do norte para o sul a partir da ponte de gelo que uniu Ásia e América durante a última glaciação. Segundo essa teoria, conhecida como teoria do Estreito de Bering, os povos indígenas americanos seriam todos descendentes dos asiáticos. Os dois primeiros fatos citados acima abrem possibilidades de uma antiguidade muito maior do homem americano e de múltiplas migrações que poderiam ter ocorrido por Bering, pelo Pacífico e até pelo Atlântico Norte.

Além disso, no caso da cidade de Caral há um fator extremamente intrigante: não foram encontrados vestígios de cerâmicas no local. Essa ausência de cerâmica em uma grande cidade rompe o tradicional esquema explicativo, que apresenta a passagem do nomadismo ao

sedentarismo agrícola como uma evolução necessariamente acompanhada pelo uso dos artefatos de cerâmica, artefatos estes que possibilitariam o processamento, o cozimento e o armazenamento dos excedentes de alimentos, cujo controle garantiria a formação de sociedades com classes superiores, responsáveis pela coordenação de grandes obras como canais de irrigação ou pirâmides. Em suma, sem cerâmica não haveria pirâmides ou canais de irrigação. Parece que os habitantes de Caral, que possuía 65 hectares de área e mais 45 hectares de periferia, plantavam goiaba, pimenta, abóbora, feijão e abacate, consumiam peixes e mariscos vindos do litoral e torravam seus alimentos, processos que dispensavam o uso da cerâmica.

Cito esses fatos apenas para mostrar ao leitor que falta ainda muito para ser estudado quando o assunto é a origem do homem americano e o desenvolvimento das primeiras civilizações em nosso continente. Os carnívoros percorridos por uma civilização podem ser variados e, muitas vezes, não se enquadraram nos modelos explicativos consagrados. Embora não comprovado de forma definitiva, crescem os indícios de que a presença do homem no continente americano date de aproximadamente 40.000 anos. Na região da Mesoamérica, os vestígios humanos mais antigos remontam a 10000 a.C.⁶, embora vestígios humanos como artefatos de pedra associados a fósseis animais – sugeriram uma presença que date de pelo menos 33000 a.C.⁷

Todo o período pré-agricultura é chamado pelos estudiosos de Etapa Lítica (33000 a.C.-5000 a.C.) que, por sua vez, divide-se em dois horizontes ou sub-etapas, baseados nos tipos e na qualidade dos objetos de pedra que eram confeccionados. Os mais antigos artefatos encontrados

são grandes instrumentos de pedra pouco trabalhados, com bordas cortantes e utilizados para golpear, raspar, rachar e cortar. Esse tipo de objeto caracterizaria o horizonte Arqueolítico ou Lítico Antigo (33000 a.C.-12000 a.C.), tendo como um dos principais sítios arqueológicos o de El Cedral, no Estado de San Luis Potosí, na fronteira norte do que viria a ser a região mesoamericana.

Para termos uma dimensão mais concreta da vida desses primeiros americanos, é importante lembrar que, durante todo esse horizonte Arqueolítico, o clima da região era mais úmido e frio do que o atual e as chuvas eram mais frequentes em regiões que atualmente são mais áridas, fatos que garantiriam uma cobertura vegetal mais densa e frutífera. Além disso havia uma série de animais de grande porte que serviriam de caça e que depois se extinguíram ou passaram a não mais povoar a região: cavalos, mastodontes, bisões e alguns tipos de carnívoros.

As descobertas desses instrumentos de pedra e de ossos de grandes animais em um mesmo contexto arqueológico sugerem que os primeiros habitantes mesoamericanos levavam uma vida muito ligada à caça, organizando-se em sociedades não agrícolas, embora esse conhecimento seja muito precário, pois as informações se reduzem a utensílios de pedra, restos de fogueiras, ossos de animais comidos e alguns ossos humanos.⁸ Vale lembrar que os artefatos de pedra são representativos de apenas uma parcela da vida desses grupos, já que a pedra era utilizada em apenas 5% dos objetos confeccionados. Os outros 95%, sendo confeccionados em materiais perecíveis – madeira, couro, fibras vegetais e outros – salvo raras exceções, sobreviveram ao tempo. Esse dado é importante para nos alertar o quão pouco conhecemos desses primeiros habitantes, e o quanto do que afirmamos e das imagens que vemos nos livros didáticos e nos filmes é fruto de conjecturas e da imaginação de seus autores.⁹

6. Segundo os achados arqueológicos de Tepexpan e Tlapacoya. Cf. *Arqueología mexicana: México antiguo – Antología*, vol. 1, págs. 58–59.

7. No sítio arqueológico Presa de Valsequillo, ao sul da cidade mexicana de Puebla, foram encontrados artefatos associados a fósseis do Pleistoceno, dentre os quais se destaca um osso de elefante, em cuja superfície se fizeram incisões. Vale citar a excelente cronologia mesoamericana no sítio *Artes e História: foro virtual de cultura mexicana* em <http://www.arts-history.mx>

8. Esta obra foi uma constante referência para tratar desses primeiros habitantes:

LÓPEZ AUSTIN, Alfredo, LÓPEZ LUJÁN, Leonardo. *El pasado indígena*.

9. Vale conferir este artigo sobre a origem dos primeiros americanos: PARFIT, Michael. "Origem dos primeiros americanos." In: *National Geographic Brasil*, dez. 2000, págs. 76–103.

Por volta do ano 12000 a.C., surgiram objetos mais finos e regulares com funções mais específicas, dentre os quais se destacam as pontas de lança, as facas, as lâminas e os raspadores. Transformações sociais desconhecidas geraram essa nova tecnologia de produção que marcaria o horizonte Cenolítico ou Lítico Novo, no qual o grande número de pontas de lança encontrado leva à suposição de que a caça era uma das principais atividades desenvolvidas por esses grupos, juntamente com a coleta.

Durante todo esse período, mudanças no clima, na fauna e na flora provocaram alterações nas formas de vida dos coletores-caçadores. Essas mudanças foram marcadas por uma crescente aridez que gerou o desaparecimento de florestas, pastagens e, conseqüentemente, de parte dos animais de grande porte, fazendo com que as populações se fixassem nos litorais e se dedicassem à coleta de mariscos e frutos do mar, gerando assim uma grande quantidade de sambaquis e assentamentos litorâneos permanentes.

Com base nesses poucos vestígios não é possível dizer muito sobre a forma de organização social dessas populações. A maior parte do que é afirmado se baseia em comparações com as populações de coletores-caçadores estudadas nos séculos XIX e XX, e não difere em muito do que se afirma sobre populações de outras localidades e períodos: viviam em grupos reduzidos cujas relações se baseavam no parentesco e no recebimento de um antepassado comum; os grupos estabeleciam sistemas de alianças e migravam conforme períodos e localidades predeterminados; predominavam as sociedades de tipo igualitário, com divisões de tarefas baseadas no sexo e na idade; possuíam poucos utensílios e se abrigavam em cavernas, abrigos rochosos ou coberturas confeccionadas de material perecível. Vale notar que, ao contrário do que comumente se pensa, estudos etnográficos mostram que as populações de coletores-caçadores gastavam poucas horas diárias na busca de alimentos e possuíam uma dieta muito diversificada.

Durante toda a Etapa Lítica (33000 a.C.-5000 a.C.), não existe a unidade cultural que marca a região mesoamericana. O processo que dará origem a essa unidade se iniciou com o desenvolvimento da agricultura, por volta do ano 5000 a.C.

A DESCOBERTA DA AGRICULTURA, A INVENÇÃO DO MILHO E O PRENÚNCIO DA MESOAMÉRICA

Por volta de meados do quinto milênio a.C., iniciou-se na região mesoamericana um lento processo que desembocou na agricultura, processo este conhecido de forma muito fragmentária e lacunar pelos arqueólogos e historiadores, mas inequivocamente comprovado por achados arqueológicos como os das cavernas da serra de Taumalipas e de Cozatlán, no Estado de Puebla, que mostram o incipiente cultivo de abóbora, de pimenta malagueta, de feijão e de milho. Esse processo de transição entre a simples apropriação do que a natureza oferecia e a produção sistematizada transformou profundamente a organização, o modo de vida e a visão de mundo dos povos que habitavam essa região.

A origem desse processo se deu, provavelmente, com o conhecimento que os povos coletores-caçadores adquiriram sobre o processo de germinação das plantas, conhecimento este que lhes possibilitou interferir nos ciclos de desenvolvimento vegetal, ajudando a disseminação de determinadas sementes ou arrancando plantas indesejáveis para que as comestíveis crescessem mais. Vale ressaltar que ainda não se trata da agricultura, mas de uma ajuda à própria produção natural, prática que não exigia a fixação definitiva da população em uma única região.

A repetição dessa intervenção nos ciclos vegetais por centenas ou milhares de anos gerou a domesticação de algumas espécies, isto é, modificações genéticas que beneficiaram o homem – maior rendimento, melhores grãos e frutos, adaptação a diversos climas e solos e a não dispersão dos grãos ao amadurecerem – e criaram uma dependência nos vegetais que, em alguns casos, perderam sua capacidade natural de dispersão e de fecundação, passando a depender da ação humana para reproduzir-se.

O cultivo sistemático dessas espécies modificadas e a dependência quase total de uma população humana dos seus frutos é o que caracteriza um povo agrícola. Essa população necessita dedicar um número maior de horas de trabalho para obter seu sustento do que os povos nômades, além do fato de as grandes plantações e colheitas estarem mais

sujeitas às intempéries climáticas, obrigando os agricultores a terem que produzir um excedente e desenvolver técnicas de conservação de alimentos como garantia a qualquer eventualidade, processos que exigem uma vida sedentária. Esse processo de desenvolvimento da agricultura é melhor conhecido em quatro localidades mesoamericanas: no Vale de Tehuacan (Estado de Puebla), na Serra de Taumalipas e Serra Madre (Estado de Taumalipas), no Vale de Oaxaca (Estado de Oaxaca) e no sul do Vale do México (Estado do México).

Esse processo de sedentarização agrícola também foi acompanhado, em uma escala muito menor, pela domesticação de animais como o peru e o cachorro. Desse modo a agricultura se tornou, por excelência, a atividade provedora de sustento na região, pois o pastoreio e a caça se mantiveram sempre no patamar de atividades complementares.

As mais antigas plantas cultivadas foram diversos tipos de abóbora e feijões, o milho, o agave, o nopal, a palmeira, algumas espécies de mandioca, o tomate, o abacate, o amaranto, a pimenta, as sapotas negra e branca, a ameixa e o algodão. Esta centralidade da agricultura trouxe aos povos mesoamericanos – e de outras partes do continente – um excepcional saber agrícola, que culminou com a chamada invenção do milho, por volta do ano 3000 a.C.

A palavra *invenção* é empregada pelo fato de o milho cultivado ser tão diferente de qualquer espécie silvestre que, atualmente, os botânicos encontram muita dificuldade em estabelecer qual planta foi a antecessora do milho.¹⁰ Fortes indícios indicam que o milho doméstico (*Zea mays*) originou-se, por mutações induzidas pelo homem, de uma variedade selvagem chamada *teocinte* ou *zea mexicana*. Sabemos menos ainda sobre o local de origem dessa transformação pois as diversas mutações apontam desde as terras semi-áridas do Estado de Chihuahua até as terras tropicais da Guatemala ou mesmo da América do Sul. A

10. Cf. BEADLE, George W. "The origin of the Zea mays." In: *Cultural Continuity in Mesoamerica*, págs. 23-42. GOLD, Stephen Jay. "Um caminho curto para o milho." In: *O sorriso do flamingo: reflexões sobre história natural*, págs. 335-347.

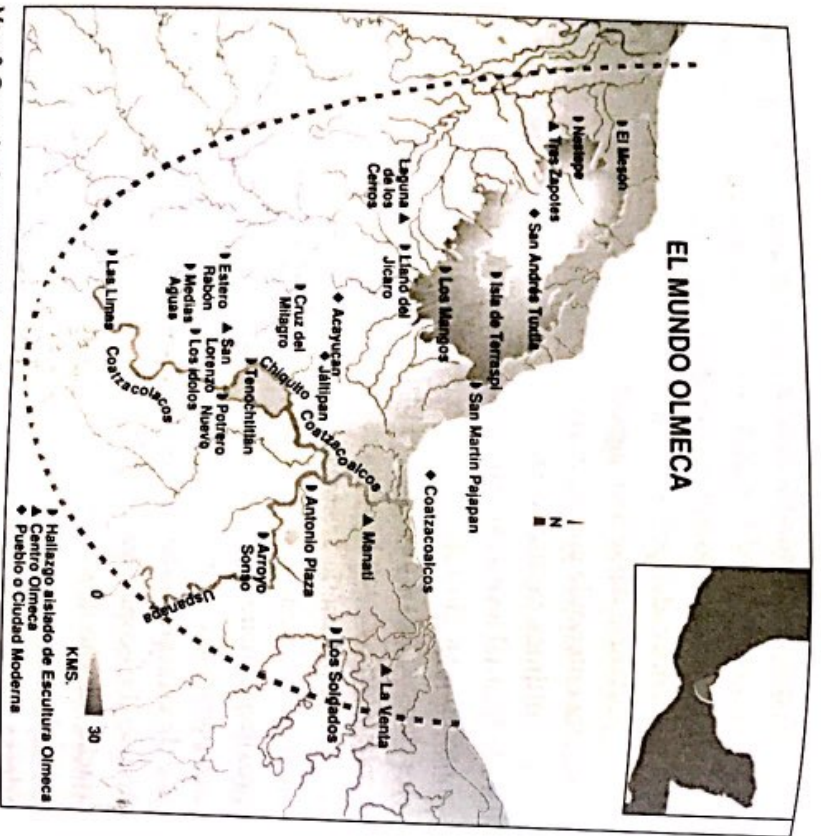
certeza de que as variedades de milho que conhecemos hoje são espécies geneticamente modificadas vem do fato de que todas elas dependem exclusivamente do cultivo humano, ou seja, não se reproduzem se não forem cultivadas pelo homem.

A importância desse feito agrícola, talvez ocorrido fora da Mesoamérica, foi entendida pelos povos mesoamericanos que, como veremos nos dois últimos capítulos, narraram em suas cosmogonias que a humanidade atual teve a carne de seus corpos feita com a massa do milho – como no texto do *Popol vuh* –, ou que os homens foram alimentados pelos deuses com a massa dessa planta – como no texto da *Leyenda de los soles*. Veremos também que, dentro da concepção de que o mundo passou por uma série de eras ou idades anteriores, a idade atual começou, segundo uma estela maia de Tikal, em 3113 a.C., data que coincide aproximadamente com esse feito agrícola.

A partir do desenvolvimento e da aplicação dessas práticas agrícolas e da crescente sedentarização, vários povos tiveram sua organização social e econômica alterada, o que ocorreu conjuntamente com a criação-adoção de uma nova visão de mundo, mais apropriada a um modo de vida sedentário e agrícola: os limites desse novo modo de vida e dessa nova cosmovisão serão os limites da Mesoamérica, cujas primeiras características – que depois se propagaram geográfica e temporalmente – apareceram de forma consistente com a civilização olmeca.

AS ORIGENS OLMECAS E A CONSOLIDAÇÃO DA UNIDADE CULTURAL MESOAMERICANA

O processo de implementação da agricultura foi acompanhado do crescimento populacional e do desenvolvimento de novas técnicas de armazenamento e transformação dos alimentos. A utilização da cerâmica foi parte desse processo que ocorreu, de forma acentuada, entre outras localidades, na região do Golfo do México, por volta de 2300 a.C. Por sua vez, o desenvolvimento de técnicas de armazenamento, transformação e cozimento das colheitas da agricultura com a utilização da cerâmica e outros utensílios – como, por exemplo, a pedra de moer os



Mapa 2. O mundo olmeca. *Arqueología mexicana: México antiguo - Antología*, vol. 1, pág. 56.

grãos de milho amolecidos pela imersão na água – possibilitou a consolidação definitiva da sedentarização.

E como fruto dessa sedentarização agrícola, por volta de 1300 a.C., os atuais Estados mexicanos de Tabasco e Veracruz, região chamada de *Olmán*, que significa *terra da borracha* ou *terra dos olmecas* (Mapa 2).

Pelos achados arqueológicos, é possível identificar nessa região a existência de um comércio desenvolvido e freqüente que se espalhou por outros locais, consolidando assim o chamado mundo olmeca, que iniciou, a partir de 1200 a.C., uma nova etapa na história mesoamericana. Essa etapa foi marcada pelo surgimento e difusão de centros

cerimoniais, por uma maior densidade populacional, por um intenso comércio e artesanato e pelo desenvolvimento das esculturas em pedra, encontradas principalmente na região da atual Guatemala e na Costa do Golfo. Essas esculturas retratam imagens de homens gordos, identificados como deuses, além de estelas e atlantes.

Além disso, é perceptível que as diferenciações internas de antigas sociedades aldeãs começaram a acentuar-se, conclusão a que se chega pela observação do crescimento das diferenças de qualidade e riqueza das oferendas em enterros. Essas diferenciações funerárias, que certamente refletem diferenciações sociais, parecem irradiar-se depois por regiões abrangidas pelas redes de comércio olmeca, reponsáveis também pela difusão de outras características dessa cultura.¹¹

Encontram-se também na região olmeca sinais que evidenciam a presença de práticas sociais ligadas ao campo das representações e dos símbolos e que infelizmente são muito pouco conhecidas. As principais construções e objetos relacionados a essa dimensão simbólica são: os campos para a prática de jogo de pelota, os baixos relevos que podem se referir a uma deidade jaguar, a uma serpente aquática e a um dragão celeste, os espelhos de hematita que eram pendurados no pescoço, os trabalhos em jade e as máscaras de jaguares, aves e outros seres. Alguns vestígios parecem apontar para a prática do sacrifício de crianças e de adultos e da mutilação dentária. São fragmentos de um sistema de pensamento, de uma visão de mundo e de práticas sociais, cujos significados e articulações são de difícil recomposição.

Vale lembrar que, simultaneamente aos olmecas, em diferentes partes da região mesoamericana outros grupos realizavam seu próprio trajeto de inovações econômicas e culturais que, com o passar do tempo e com os contatos comerciais, irão se somar às conquistas olmecas e conformar a cultura mesoamericana. Na região do Altiplano Central

11. Cf. LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. "Los milénios de la religión mesoamericana. (Parte I)" In: *Arqueología Mexicana: los olmecas; la religión en Mesoamérica*, vol. 11, n° 12, págs. 4-15.

Mexicano, por exemplo, temos ocupações humanas fixas muito antigas que, por volta do ano 1800 a.C., já haviam desenvolvido um elaborado culto aos mortos.¹²

Todas essas transformações inauguradas pelos olmecas se concentraram em grandes centros urbanos como San Lorenzo, La Venta, Laguna de Los Cerros e Tres Zapotes, onde se encontrou o mais antigo texto pictográfico mesoamericano, conhecido como a estela *La Mojarra*, que data do século II d.C. e atualmente se encontra no Museu de Antropologia de Xalapa, no Estado de Veracruz.

Ressaltemos aqui que estamos tratando de uma cultura que, tendo como base a agricultura, desenvolveu centros urbanos e os primórdios de um sistema de calendário e de escrita, sistema este que, alguns séculos mais tarde, iria consolidar-se em localidades que sofreram sua influência direta, como as regiões maias e de Oaxaca. E foi justamente em Oaxaca, na cidade de Monte Albán, que se encontraram as inscrições calendárias mais antigas da Mesoamérica, datadas de aproximadamente 600 a.C.¹³

Responsáveis por uma escultura colossal – conhecida como *cabeceras colossais olmecas* – e por um desenvolvido comércio¹⁴, os olmecas também foram os responsáveis por outra realização típica da Mesoamérica:

12. Perceptível em Tlatilco, Tlapacoya, Copilco, Cuicuilco, Chupicuaro (Estado de Guanajuato), Chiapa del Corzo (Estado de Chiapas) e Gualupita (Estado de Morelos). Cf. MATOS MOCTEZUMA, Eduardo. *Muerte a filo de obsidiana: los nahua frente a la muerte*.
13. Sobre os olmecas vale conferir uma série de artigos na revista *Arqueología Mexicana*. Índico especificamente os seguintes: GONZÁLEZ LAUCK, Rebeca B. "La venta: una ciudad olmeca", vol. II, nº 12, págs. 38-42. CYPHERS, Ann. "Las cabezas colossales", vol. II, nº 12, págs. 43-47. GROVE, David C. "Los olmecas", vol. II, nº 12, págs. 23-36.
14. Alguns autores defendem que os olmecas eram um povo pacífico e que as atividades guerreiras eram mais características dos povos chichimecas. Miguel León-Portilla não concorda, afirmando que os olmecas já praticavam a guerra para garantir o comércio e os tributos. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Literaturas indígenas de México*.

a utilização da borracha vegetal, chamada de caucho ou látex. Seu emprego estava relacionado principalmente com os jogos de pelota, verdadeiro marco civilizacional dos povos mesoamericanos: a grandeza e importância de uma cidade poderia ser mensurada pelo número de campos de pelota que possuía. Na verdade, como sugerido antes, a própria denominação de *olmecas* provém do termo *ollin*, que significa *borrachia* mas que também serviu para significar *terremoto* e o abstrato conceito de *movimento* que, como veremos adiante, era central nas explicações dos povos mesoamericanos sobre a origem e o desenvolvimento do mundo.

É importante notar que a consciência que temos desse papel fundamental dos olmecas não é apenas fruto dos modernos trabalhos arqueológicos ou históricos. Por meio de um sistema de organização e transmissão do saber que se baseava em um calendário e em um original sistema de escrita, dois mil anos depois dos olmecas, os mexicas afirmavam ser herdeiros de uma seqüência de horizontes culturais mesoamericanos que se iniciou com os olmecas, passou pelos teotihuacanos e chegou aos toltecas, tepanecas e mexicas. O reconhecimento mexica da importância dos olmecas é confirmado por objetos olmecas encontrados em Tenochtitlan, capital mexica, e pelas declarações que os informantes indígenas deram aos religiosos espanhóis no século XVI, como ao franciscano Bernardino de Sahagún.¹⁵

TEOTIHUACAN, OS ZAPOTECAS, AS CIDADES MAIAS E AS ORIGENS DA IDADE ATUAL

Tradicionalmente, esse período descrito acima e caracterizado pela consolidação do horizonte cultural olmeca e sua difusão por regiões vizinhas é chamado de Período Pré-Clássico (1500 a.C.-200 a.C.). A

15. Um estudo que compara a versão das origens dos povos mesoamericanos fornecida pelos informantes de Sahagún no *Códice Florentino* com as informações arqueológicas, encontra-se em: PINA CHAN, Román. *Historia, arqueología y arte prehispánico*.

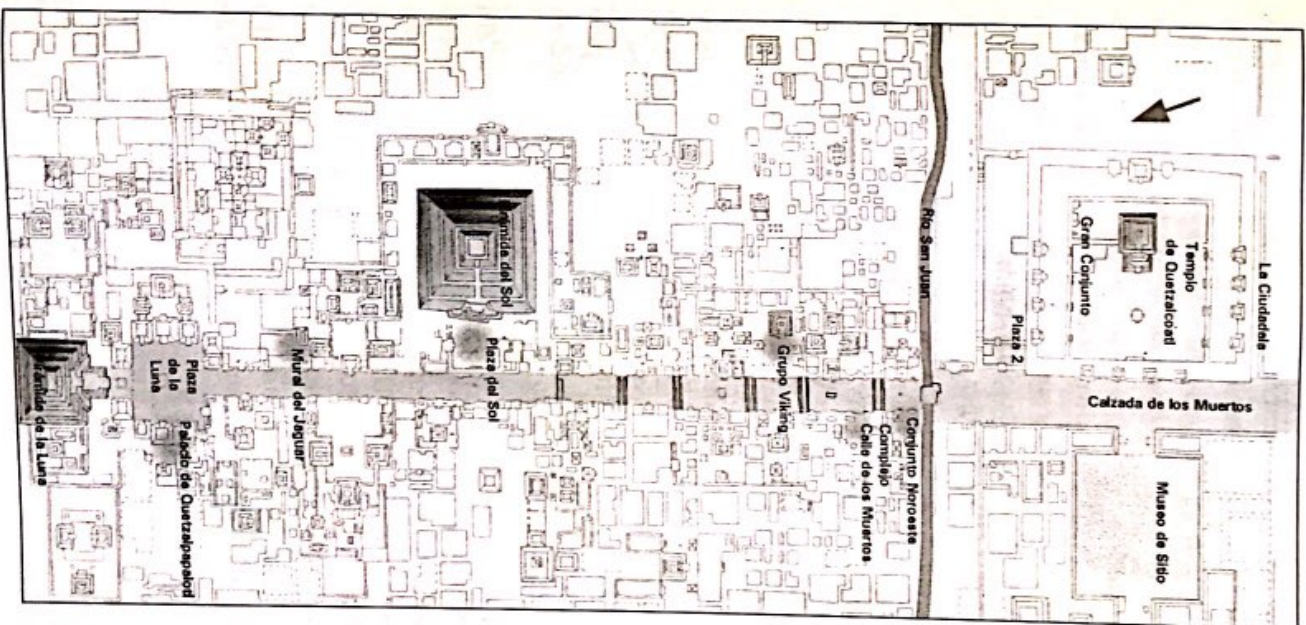
difusão comercial e cultural do mundo olmeca tornou-se mais forte após 600 a.C. e, somando-se aos processos de desenvolvimentos locais, transformou gradativamente um grande número de antigas aldeias em centros cerimoniais e urbanos, alguns dos quais, em muito pouco tempo, tornaram-se verdadeiras metrópoles que caracterizariam o chamado Período Clássico da história mesoamericana, que vai de 200 a.C. a 800 d.C.

A cidade de Teotihuacan foi um dos frutos desse processo de difusão olmeca, conjugado com o desenvolvimento local da região do Altiplano Central Mexicano, cujo centro cerimonial mais antigo é Cuicuilco, que data de 1700 a.C. e aponta para uma antiga ocupação humana que, de forma independente dos olmecas, conquistou uma série de realizações – como, por exemplo, suas construções e enterramentos funerários – que foram eclipsadas pelo enorme desenvolvimento da cidade vizinha de Teotihuacan, que começou a ser edificada entre os anos de 200 a.C. e 100 a.C.

A *Cidade dos Deuses*, significado do nome *Teotihuacan*, foi certamente um dos maiores centros urbanos da região, e também teve seu lugar garantido na tradição oral e nos códices em forma de anais que, como veremos adiante, eram as principais formas utilizadas na Mesoamérica para a constituição e a manutenção da memória. A grandiosidade dessa cidade também é atestada pelos trabalhos arqueológicos ou mesmo por quem a visita e se impressiona pela monumentalidade de suas construções e de suas amplas avenidas e praças (Mapa 3).¹⁶

Esses códices na forma de anais, confeccionados em tempos posteriores aos teotihuacanos, registraram notícias sobre as migrações dos primeiros povos que teriam habitado a região mesoamericana. Afirmam que sábios – *amoxihuaque*, ou seja, aqueles que carregam o livro – chegaram

16. Doris Heyden escava e estuda as covas existentes embaixo da Pirâmide do Sol, em Teotihuacan. As covas são freqüentemente referenciadas nas narrativas mesoamericanas como úteros de deuses e povos. Cf. HEYDEN, Doris. "Las cuevas de Teotihuacan." In: *Arqueología Mexicana: ritos del México prehispánico*, vol. VI, nº 34, págs. 18-27.



Mapa 3: Plano de Teotihuacan. Arqueologia mexicana: México antigo - Antologia, vol. I, pág. 63.

em barcas do oriente¹⁷ e logo partiram e levaram seus escritos, os livros e as pinturas, deixando para trás quatro anciãos: Oxomoco, Cipactonal, Tlaltecui e Xochitauaca.

Esses quatro anciãos teriam feito os livros dos dias, dos anos, da conta dos anos e dos sonhos, isto é, o calendário, os anais e os livros mânticos. Esse episódio teria ocorrido no início do Período Clássico em Tamoanchan, cidade identificada com o atual sítio arqueológico de Xochicalco (Estado de Morelos), localidade que teria mantido intensas relações com Teotihuacan, com Oaxaca, com a Costa do Golfo e com as cidades maias.

Talvez estejamos aqui diante da memória longínqua da difusão comercial e cultural olmeca que, através de fluxos populacionais advindos da região dos atuais Estados de Veracruz e Tabasco, chegaram a Tamoanchan de onde seguiram para Teotihuacan, onde, entre 100 a.C. e 100 d.C., ocorreu um significativo aumento populacional e, das simples bases ou plataformas de pedra ou barro, fizeram-se as monumentais pirâmides revestidas de estuque, cujas construções foram orientadas de acordo com uma importante concepção do pensamento mesoamericano: a divisão do mundo horizontal em direções delimitadas pelo nascer e pelo pôr-do-sol e pelo movimento desse astro no horizonte com o passar das estações, marcando os solstícios e os equinócios.

No período que vai do ano 100 d.C. a 350 d.C., são notáveis em Teotihuacan as influências da Costa do Golfo, época em que se propagaram representações de deidades que, posteriormente, se consagraram entre todos os povos da região, como Tlaloc, deidade relacionada a água, Huehuetecu, relacionada ao fogo, e Xipe, deidade relacionada ao pre-pato da terra para a plantação.

Teotihuacan chegou a contar com uma população de 120.000 a 150.000 habitantes, distribuídos em uma região que abrangia mais de

17. Vale lembrar que, conforme podemos observar no Mapa 1, o oriente não significa necessariamente o oceano Atlântico, pois a região mesoamericana se caracteriza, geograficamente, por se estender mais no sentido oriente-ocidente do que no sentido norte-sul.

20 km². Foi uma das maiores cidades americanas em seu apogeu (350 d.C.-600 d.C.), e talvez a maior do mundo em sua época. Contava com ruas planificadas e distribuídas em eixos a partir da Avenida dos Mortos, possuía abastecimento de água e rede de drenagem, construções administrativas e públicas dispostas nessa avenida principal, além da existência de bairros para especialistas em determinadas artes e ofícios, ou para estrangeiros.¹⁸ Teotihuacan contava também com grandes mercados e centros cerimoniais dedicados aos deuses citados, além de Chalchiuhtlicue, Quetzalpapalotl e Quetzalcoatl. Houve nesse período de apogeu um enorme desenvolvimento do calendário, dos números, da escrita, da astronomia e da medicina nessa metrópole.

O estilo arquitetônico de *talud y tablero*¹⁹ desenvolvido em Teotihuacan estendeu-se a Cholula, Calpulalpan, Tepeulco, Kaminaljuyú, Tikal, e outras cidades maias, assim como os cultos de Tlaloc e Quetzalcoatl. Teotihuacan deve ter sido o centro de um grande reino ou de uma confederação de diversos povos, ou ainda um grande centro produtor e mercantil, pois vestígios de objetos ali produzidos foram encontrados em regiões distantes como Oaxaca, Chiapas e Guatemala.

Paralelamente a Teotihuacan, na região do atual Estado de Oaxaca, outra cultura mesoamericana florescia, graças aos influxos de populações olmecas da costa do Golfo do México combinados com as populações locais: a cultura zapoteca, que teve na cidade de San José Mogote um de seus primeiros centros. San José Mogote foi uma das principais vilas do Vale de Oaxaca entre 1500 a.C. e 900 a.C., pois muito antes da influência olmeca possuía um elaborado sistema mercantil que conectava regiões distantes entre si, como a costa do Golfo do México, a região do Pacífico, entre os atuais México e Guatemala,

18. Cf. MANZANILLA, Linda. "Armonía en el tiempo y el espacio." In: *Arqueología mexicana: México antiguo - Antología*, vol. 1, págs. 62-65.

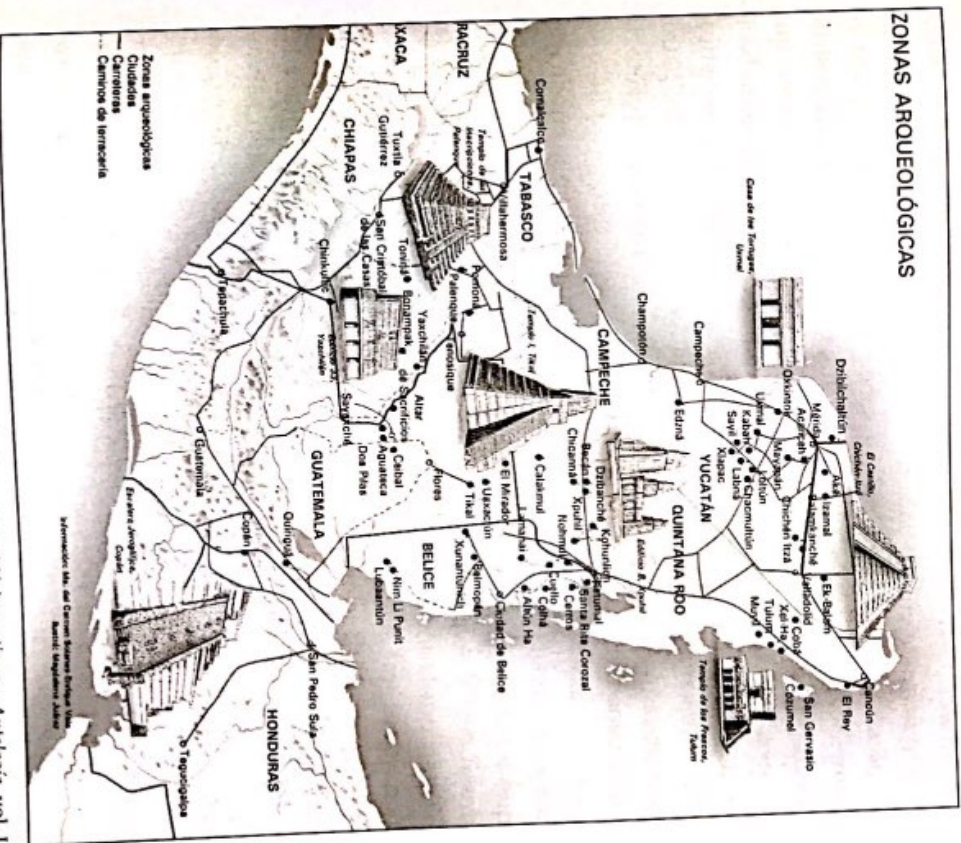
19. Estilo constitutivo caracterizado pela alternância de rampas inclinadas cerca de quarenta e cinco graus em relação ao plano horizontal com paredes perpendiculares ao plano horizontal.

Desde pelo menos 800 a.C., as populações maias se organizavam em comunidades auto-suficientes, ocasionalmente sedentárias, localizadas principalmente no litoral e margens de rios. Por essa época já tinham o milho como parte fundamental de sua dieta, assim como variedades de abóboras e de feijões, cultivos que geraram um considerável aumento populacional, fato atestado pelo surgimento dos primeiros centros cerimoniais, como Izapa, na costa do Pacífico, por volta de 600 a.C. Esse centro ainda atesta a transição da cultura olmeca para o que dará origem ao que é chamado de cultura maia, a qual se caracterizou, dentre outras coisas, pelo enorme número de estelas comemorativas e altares em suas cidades, elementos que já se encontravam presentes nesse sítio, onde um pouco depois (entre 300 a.C. e 50 a.C.) foi construída uma série de monumentos e esculturas com inscrições calendárias.

Apesar de possuírem muitos traços culturais comuns – como a religião habitada, a família linguística, o cultivo do milho e suas práticas rituais relacionadas, a organização social e a cosmovisão baseada no calendário, na centralidade do Sol e do sangue como fluido vital²² –, não houve um centro maia que unificasse todos os grupos, ou seja, diferentemente dos casos de Teotihuacan e de Monte Albán, entre os maias predominou a multiplicidade de cidades independentes que competiram militar e comercialmente através da formação de confederações. Dentre as causas da inexistência de um único centro hegemônico durante o Período Clássico, podemos destacar uma certa diversidade cultural, gerada talvez pela heterogeneidade geográfica e imensidão da região maia, tradicionalmente dividida em Terras Altas, Terras Baixas e península de Iucatã (Mapa 5).

As inúmeras cidades maias por vezes se associavam em confederações encabezadas por uma grande cidade que passava a dominar, política e comercialmente, as regiões vizinhas e durante algum tempo se tornava um centro de irradiação cultural. Essas cidades se caracterizam por grandes edifícios de pedra em forma de pirâmide escalonada,

os quais utilizavam principalmente o espaço exterior da plataforma em seu cume, sobre o qual havia construções de uso sacerdotal e político. Além das pirâmides, os centros urbanos possuíam outras construções de pedra, como palácios de inúmeros aposentos e construções dedicadas especificamente à observação dos astros e ao uso dos sábios,



Mapa 5: Sítios arqueológicos maias. Arqueología mexicana: México antiguo - Antología, vol. 1, pág. 73.

22. Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *La vida cotidiana en tiempo de los mayas*.

responsáveis pela interpretação do mundo e pela transmissão dos conhecimentos adquiridos em um sistema educacional especial e direcionado ao grupo composto de governantes, sacerdotes e guerreiros de alta posição.

Esses centros eram cercados por milhares de habitações de madeira ou cabanas nas quais vivia a população comum, que, em geral, dedicava-se à agricultura ou aos serviços artesanais relacionados aos grupos superiores. Essa clara divisão arquitetônica refletia uma divisão social muito marcada entre os maias e que também estava presente nos vestuários, nos hábitos e no próprio saber: o entendimento completo do complexo sistema de escrita e do calendário certamente estava restrito ao grupo dos governantes e sacerdotes, o que não significa, porém, que a população mais simples não compartilhasse do entendimento básico de alguns elementos desses sistemas que, dentre outras sofisticações, utilizava-se do zero e possibilitou a realização de cálculos astronômicos não iguados por nenhuma outra cultura antes do advento da ciência moderna ocidental.

Essas características dos centros urbanos maias se aplicam, de forma geral, a mais de cinquenta localidades de considerável importância que se desenvolveram no Período Clássico, dentre as quais merecem destaque: Tikal, Yaxactún, Piedras Negras e Quiriguá na Guatemala; Copán em Honduras; Nakun em Belize; Yaxchilán, Palenque e Bonampak em Chiapas; Dzibilchaltún, Cobá, Labná, Kabah, Uxmal e os primórdios de Chichén Itzá em Iucatã.

Nesses centros são abundantes as estelas comemorativas gravadas com os famosos glifos maias, desenvolvidos com base em um sistema de escrita que se espalhou durante o Período Clássico por várias regiões mesoamericanas e que talvez tenha sido iniciado pelos olmecas e desenvolvido pelos zapotecas. A utilização dessas estelas ganhou importância particular entre os maias, cujos soberanos de cada cidade as erigiam para comemorar os seus feitos, os fatos biográficos de membros das famílias governantes ou ainda os acontecimentos naturais, como eclipses. Uma considerável parte da história das cidades maias e da vida de seus governantes pode hoje ser conhecida graças a essas estelas.

Quando os espanhóis invadiram a região maia no século XVI, a maioria dos centros urbanos havia entrado em um processo de decadência vertiginosa e se encontravam abandonados. Esse fenômeno é conhecido como Colapso do Século IX. A população maia, muito numerosa até os dias de hoje, havia abandonado os grandes centros urbanos, passando a viver em pequenas comunidades agrícolas. Esse processo de decadência e abandono dos centros urbanos não ocorreu exclusivamente na área maia. Sabemos que entre os séculos VII e X, por razões desconhecidas, ocorreram a decadência e o abandono de muitos centros maias (Yaxactún, Tikal, Yaxchilán, Bonampak e Palenque), de Teotihuacan no Altiplano Central e de Monte Albán, principal centro zapoteco em Oaxaca.

O que teria ocorrido? Colapsos repentinos, incêndios, guerras, lutas internas, mudanças climáticas, epidemias, desmatamento e secamento dos lagos? Pergunta ainda não respondida definitivamente pela Arqueologia ou pela História.²³ É certo que, nessa mesma época, vários povos que habitavam ao norte da fronteira mesoamericana começaram a migrar em direção ao sul, fato que propiciou o surgimento e/ou crescimento de outros centros urbanos, como Azcapotzalco, Calpulalpan, Tepepulco, Cholula e outros.

Seriam as migrações dos povos ao norte da Mesoamérica, que futuramente dominariam toda a região, a causa desse colapso que marcou o fim do chamado Período Clássico? Ou será que os povos setentrionais,

23. Federico Navarrete Linares propõe que os maias foram vítimas do próprio êxito, ou seja, o crescimento populacional somado à limitação da produção alimentícia gerou um clima de rivalidade entre os reinos e, com o crescimento do número de centros disputando soberanias regionais, as guerras se tornaram frequentes. Além disso, essa disputa também gerou uma "febre construtiva" que visava a demonstrar poder, o que exigia mais trabalho dos camponeses e a redução da produção agrícola. A saída utilizada pelos camponeses, cada vez mais sobrecarregados, foi utilizar a selva como abrigo para plantar roças longe dos tributos e das guerras, marcando o momento em que o ônus da cidade extrapolou seus benefícios, e a proteção, o comércio e as funções religiosas tornaram-se mais custosas do que os tributos pagos. Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *La vida cotidiana en tiempo de los mayas*.

chamados genericamente de chichimecas, apenas aproveitaram o vácuo deixado pela decadência desses antigos povos para adentrarem a região? Entre esses chichimecas estavam os povos de fala nahuatl, dentre os quais dois iriam se destacar no Período Pós-Clássico (séculos X-XVII) da história mesoamericana: os toltecas e os astecas.

É importante ressaltar que as grandes cidades que se desenvolveram no Período Clássico foram responsáveis pela consolidação e por um grande desenvolvimento de características encontradas de forma embrionária nos antigos olmecas. Foi em Teotihuacan, em Monte Albán e em várias cidades maias que a escrita, o calendário, o comércio de longa distância, o modelo de urbanismo, as concepções cosmológicas e cosmográficas, o modelo de organização político-social e muitas outras características se consolidaram como traços comuns a toda região, traços estes que foram adotados pelos povos que migraram para a Mesoamérica por essa época e que continuaram a ser muito perceptíveis no novo período da história mesoamericana.

HUEY TOLLAN: CIDADE DE PEDRA OU PARADIGMA CIVILIZACIONAL?

Acredita-se que os toltecas, povo de fala nahuatl, eram originários de paragens ao norte da Mesoamérica e que, diante da decadência de Teotihuacan no século VII, resolveram migrar em direção ao sul, movimento seguido por uma série de povos chamados, genérica e pejorativamente, de chichimecas, termo que na Mesoamérica era sinônimo de *bárbaro*. Antes de se fixarem definitivamente na região do Altiplano Central, em meados do século IX, os toltecas teriam-se estabelecido temporariamente em Xochicalco, Teotihuacan e Cacaxtla, onde teriam absorvido parte da cultura mesoamericana em contatos com sábios do Altiplano Central e da região maia.²⁴

24. León-Portilla acredita que os toltecas não eram chichimecas, mas aliados de Teotihuacan na fronteira norte e que tinham como função barrar possíveis ataques chichimecas aos domínios da *Cidade dos Deuses*. A migração tolteca seria

Por esta mesma época, entre os séculos VII e IX, fora do Altiplano Central Mexicano, os mixtecas sucederam os zapotecas no domínio do Vale de Oaxaca com a fundação de Tilantongo e Teozacualco. Realizaram também a reconstrução de antigos centros zapotecas, como Monte Albán, além de introduzirem técnicas de metalurgia na região por volta de 950 d.C.²⁵

Temos também nessa época a continuidade de pequenos reinos maias centralizados nas cidades de Uxmal, Chichén Itzá, Mayapán e Tulum, que viviam uma espécie de renascimento provocado pelos influxos de Tula, cidade que substituiu Teotihuacan no papel de metrópole da região central (Mapa 6). A hipótese contrária também é apresentada, ou seja, que foi a continuidade da cultura maia em Iucatã que exerceu influência sobre os toltecas, pois as cidades maias possuíam uma enorme antigüidade e várias etapas culturais, enquanto a cidade de Tula, no Estado de Hidalgo, teve uma curta história para tais revoluções arquitetônicas e culturais, sendo um caso isolado que nem chegou a influenciar as cidades próximas.²⁶

Os relatos e anais mesoamericanos afirmam que Tula, capital dos novos domínios toltecas, foi fundada em 856 d.C. e que Topiltzin-Quetzalcoatl, rei-sacerdote que a teria governado em meados do século X, trouxe os vários dons sociais, como as casas de jejuns e cultos, os templos redondos, os auto-sacrifícios e as artes e ofícios em geral. Quetzalcoatl teria feito com que Tula e os toltecas se tornassem os

assim um retorno à Mesoamérica, consequência da rápida decadência de Teotihuacan em 650 d.C. Cf. LEÓN-PORTILLA, Miguel. "A Mesoamérica antes de 1519." In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: América colonial*, vol. 1, págs. 25-61.

25. Até então, o uso de metais na Mesoamérica se limitava à confecção de objetos de uso decorativo. A metalurgia adotada deve ter sido trazida da região andina, que há muito produzia machados de cobre, encontrados em escavações arqueológicas em quase todo o litoral do Pacífico. Há muito ainda para se explicar sobre as relações comerciais e culturais entre as diversas regiões americanas.

26. Cf. PIÑA CHAN, Román. *Historia, arqueología y arte prehispánico*.

Tendo existido uma ou várias Tulas, o certo é que os migrantes toltecas se converteram em herdeiros de antigas tradições culturais mesoamericanas, como o urbanismo, o calendário, a escrita pictográfica, o conhecimento astronômico e a visão de mundo. Assimilaram ativamente esses conhecimentos e marcaram a transição do Período Clássico a outro horizonte cultural, caracterizado pelo predomínio dos povos nahuas, tradicionalmente chamado de Período Pós-Clássico, que vai dos séculos X ao XVI.

A queda da Tula e a dispersão de sua população iniciou-se em 1168 e gerou um incremento na onda de migrações chichimecas vindas do norte. Parece que discórdias e guerras, relatadas nos anais como disputas entre Quetzalcoatl e seu adversário Tezcatlipoca, tiveram por resultado a ruína de Tula e a dispersão dos toltecas pelo Vale do México, Cholula e Chichén Itzá. A Mesoamérica viveu por esta época uma grande instabilidade política e um enorme aumento da atividade guerreira entre as diversas cidades que almejavam ocupar a posição de cabeceira de confederação.

Pelo final do século XIII floresceram novos reinos e confederações, resultantes da fusão entre os toltecas dispersos e outros povos mesoamericanos mais antigos. De forma geral, nenhum deles conseguiu a hegemonia regional capaz de pacificar os conflitos. Além disso, os povos chichimecas que migravam para a região mesoamericana também disputavam os antigos territórios toltecas.

Dentre os povos setentrionais que migraram para a Mesoamérica estavam os astecas, posteriormente chamados de mexicas, que depois de 1428, após muitas alianças e guerras, afirmaram-se como senhores e herdeiros da tradição cultural mesoamericana recebida dos toltecas.

ENFIM OS FAMOSOS MEXICAS OU ASTECAS

As principais fontes para o estudo das origens e caminhos percorridos pelos mexicas são seus próprios relatos, registrados em códices – como a *Tira de la peregrinación*, ou *Códice Boturini*, e o *Vaticano A*. Além

dessas fontes, temos também as crônicas indígenas, como as de Ixtlilxochitl, Tezozomoc e Chimalpahin Quauhhtleuaniztin e as crônicas dos religiosos espanhóis do século XVI, como as de Bernardino de Sahagún e de Diego Durán.

Essas narrativas da origem mexica são marcadas por um certo mexicanismo, isto é, pela centralidade dos feitos dos próprios mexicas, feitos estes que sempre os encaminharam para um destino já determinado: tornarem-se os senhores dos outros povos na atual e quinta idade, chamada de Sol Quatro Movimento. É claro que os mexicas efetuarão uma reelaboração nas narrativas históricas e cosmogônicas tradicionais, acrescentando mais um capítulo na grande história das várias idades do mundo, capítulo em que teriam um papel central. E é claro que essa reformulação foi executada depois de consolidarem um papel de destaque como tributadores de quase toda a Mesoamérica.

Os relatos tradicionais mesoamericanos que tinham como tema as origens do mundo e dos homens possuíam uma estrutura narrativa e explicativa muito bem marcada: tratavam dos diversos sóis ou idades anteriores; em seguida, narravam a criação da atual humanidade e desembocavam em histórias de determinados grupos, quando, então, geralmente adquiriam a forma de anais ou de um relato mais próximo do que entendemos por histórico. Veremos nos *Capítulos III e IV* que essa é a estrutura básica de textos como o *Popol vuh*, que trata da origem do povo quiché, e da *Leyenda de los Soles*, que trata da origem dos toltecas e dos mexicas. Em uma tentativa de justificarem seus extensos domínios, os mexicas acrescentaram uma quinta idade a essa tradicional estrutura explicativa, na qual eles próprios seriam o povo escolhido para manter o funcionamento do cosmos mediante o sacrifício de cativos capturados nas chamadas *guerras floridas*, como veremos mais adiante.

Tendo tudo isso em mente, podemos fazer um rápido percurso pela história mexica por meio de suas fontes e comparar suas informações com outros relatos e com dados arqueológicos.

Em 1111 d.C., os astecas deixaram sua terra de origem, Aztlan, impulsionados pelas promessas do sacerdote Huitzilopochtli, por um excesso populacional que parece ter esgotado as limitadas possibilidades

alimentares da região e pela condição de *servidores (macehuahltin)* em que viviam sob o comando de outra etnia que era tratada como *Hitloque (governantes)* e *pipiltin* (nobres). Os astecas – assim se autodenominavam até então – iniciaram uma longa migração que terminaria com a fundação de Tenochtitlan em uma ilha do Lago Texcoco, em 1325, local que lhes foi assinalado por Huitzilopochtli e onde se tornariam *pipiltin* e *hitloque* dos habitantes da região. Esse movimento migratório se enquadrava no fenômeno das migrações chichimecas em direção à Mesoamérica, onde os antigos e centenários centros de poder haviam entrado em colapso e novos grupos disputavam as terras e a hegemonia. Como vimos anteriormente, essas migrações teriam começado por volta do século VIII com os toltecas.

Mas, os astecas eram chichimecas? O termo chichimeca é objeto de muita discussão: ora parece referir-se a alguns povos em especial, ora parece ser um termo generalizante com conotações pejorativas, relacionado aos povos que viviam ao norte da oscilante fronteira cultural mesoamericana e que eram caracterizados pelo nomadismo, pelas roupas de pele e pela utilização do arco e flecha. Esse modo de vida marcava a fronteira norte da Mesoamérica, pois se distinguia dos hábitos mesoamericanos de utilizar roupas de algodão, espadas de madeira com lâminas de obsidiana e de possuir centros urbanos construídos de pedra.

Essa fronteira cultural entre as duas regiões refletia uma fronteira climática e de vegetação, pois a irregularidade das chuvas e a aridez generalizada ao norte da Mesoamérica geravam a impossibilidade da agricultura regular e a predominância da vida nômade. A região chichimeca também era visada por movimentos de expansão dos povos mesoamericanos que aí difundiram muitos traços de sua cultura, como os jogos de pelota, alguns deuses, parte de sua visão de mundo e até a agricultura e o urbanismo em algumas localidades, pois existiam grandes aldeias e cidades que praticavam a agricultura nos vales de rios e regiões mais altas.

Notemos que não se trata de uma fronteira impermeável e traçada continuamente, mas de aproximações ou distanciamentos nas relações comerciais, políticas e culturais. Esses contatos entre a região da Grande

Chichimeca e a Mesoamérica são atestados pelos espelhos encontrados tanto em Paquimé, no Estado de Chihuahua e ao norte da Mesoamérica, como em Chichén Itzá, na península do Iucatã. Em ambos os casos encontramos desenhada a deusa mesoamericana Xiuhcoatl ou *Serpente de Fogo*. Além disto, parece que toda a turquesa utilizada na Mesoamérica foi extraída e comercializada a partir de minas setentrionais.²⁸

Parece que para respondermos à pergunta formulada acima, basta sabermos se a originária Aztlan se localizava na Grande Chichimeca. Mas assim duplicamos o problema, pois não sabemos onde se localizava Aztlan. No século XVI, os espanhóis a situaram na região dos índios *pueblos*, no sul dos atuais Estados Unidos. No século XVII, Aztlan foi procurada na península da Baixa Califórnia, e estudiosos atuais já a localizaram nos Estados mexicanos de Nayarit, Guanajuato, Sonora e San Luis Potosí e até nos Estados estadunidenses de Washington, Califórnia e Wisconsin. Além disso, o termo *asteca* – que significa *gente de Aztlan* – foi utilizado para designar vários grupos (mexicas, chalcas, huastecos e outros) que durante a longa migração foram se separando e se estabelecendo em diversas localidades.

Logo depois de saírem de Aztlan, cidade que como a futura Tenochtitlan se situava no meio de um lago, os astecas teriam chegado a Chicomoztoc, ou *Lugar das Sete Cavernas*. Em Chicomoztoc teriam-se unido a outros seis grupos: xochimilcas, chalcas, tlaxcaltecas, tepanecas, tlalhucias e acolhuas. Huitzilopochtli, que se comunicava com o grupo por meio dos quatro *carregadores do deus (teomann)*, teria ordenado que, depois de chegarem a Coatlacamac, deveriam se separar dos outros grupos e adotar o nome de *mexitin*, que depois se transformou em *mexica*. Essa mudança de nome teria sido acompanhada pelo

28. Mais detalhes sobre os chichimecas podem ser encontrados em: BRANIFF CORNEIO, Beatriz. "El norte de México: la gran chichimeca." In: *Arguología Mexicana: México antiguo – Antología*, vol. I, págs. 128–133. Nesse artigo, a autora afirma que *Norte de México* é um termo equívocado, pois se a *Mesoamérica* representa certa homogeneidade cultural pré-hispânica, o *Norte de México* não existia, pois não havia México. Propõe então a adoção do termo Grande Chichimeca.

primeiro sacrifício humano e pela adoção do arco e flecha pelo povo de Huiztilopochtli, fato que leva à hipótese de que os mexicas poderiam ser povos agricultores que passaram a adotar um modo de vida mais adaptado às áridas regiões que atravessavam, modo de vida este comumente chamado de *chichimeca*.

Huiztilopochtli teria ordenado também que se separassem do grupo chefiado por sua irmã, Malinalxochitl, que jurou vingá-lo. Esse episódio teria acontecido em Malinalco, atual Estado do México, que foi temporariamente dominado pelos mexicas.

Depois teriam seguido para Coatepec ou *Cerro das Serpentes*, localidade situada próxima a Tula e que, como a antiga Aztlan e a futura Tenochtitlan, localizava-se no meio de um lago artificial. Neste local, Huiztilopochtli teria nascido novamente e iniciado o costume de exigir sacrifícios humanos. Al também teria acontecido o famoso episódio em que quatrocentos homens – os *huiznahuaque* ou *sulinos* – dirigidos por Coyolxauhqui, irmã de Huiztilopochtli, decidiram ficar e não mais seguir as ordens de Huiztilopochtli, responsável por comandar o roteiro da migração. Huiztilopochtli matou todos eles.²⁹

Podemos perceber, nesses relatos, que os locais onde os astecas se estabeleceram eram uma espécie de cópia de sua terra de origem, pois a construção dessa memória migracional *a posteriori* deu a esses lugares características semelhantes às da terra natal. Ou, ao contrário, a terra originária foi ganhando as características dos locais ocupados durante a migração: na memória mexica, Tenochtitlan é um espelho de Aztlan ou vice-versa.

Vale lembrar que esse tipo de construção não invalida o caráter histórico desses relatos, pois a narrativa de fatos em si não faz parte de nenhuma tradição histórica conhecida. A seleção, a reformulação e a inserção dos fatos passados em uma estrutura de memória é algo que faz parte do universo narrativo de qualquer cultura. O importante é que se busque entender quais são os marcos referenciais e os objetivos com

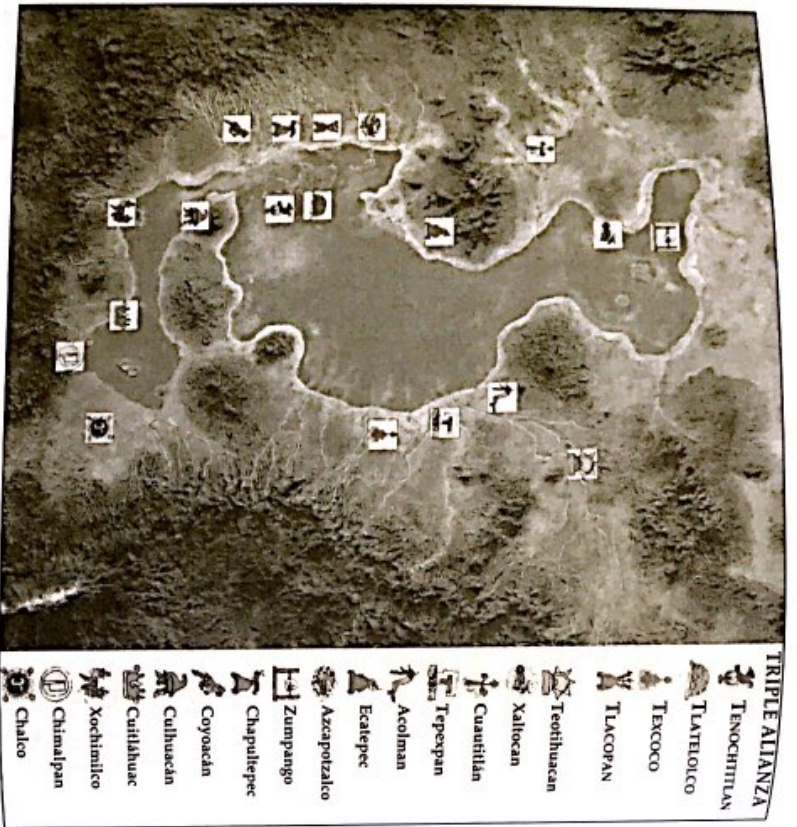
os quais um determinado grupo humano molda sua memória e sua visão de história, pois assim podemos entender porque tais fatos são selecionados e narrados de tal modo.

No mesmo século XII, em que os astecas iniciaram sua migração, prosperaram vários novos centros de fala nahuatl ou otomíe no Altiplano Central Mexicano, alguns dos quais fundados pelos povos que, juntos com os mexicas, deixaram o assentamento provisório de Chicomoztoc ou *Sete Cavernas*. Os novos centros urbanos fundados no Altiplano foram: Coatlichan, Texcoco (acoluhas), Azcapotzalco (tepanecas), Culhuacan (culhuas), Chalco (chalcas) e Xochimilco (xochimilcas). Esses novos centros iniciaram uma nova etapa cultural mesoamericana, marcada pela forte presença dos grupos setentrionais de fala nahuatl na hegemonia da região e pela busca de alianças e casamentos com os descendentes dos antigos toltecas, herdeiros do sangue e da tradição do rei-sacerdote Quetzalcoatl (Mapa 7).

Acredita-se que os mexicas adentraram a região do Altiplano Central Mexicano em meados do século XIII, época em que grande parte da região era tributária de Culhuacan. Antes de consolidarem a posição de destaque pela qual ficaram conhecidos, os mexicas tiveram que enfrentar o desafio de conseguirem estabelecer-se na região. Para isso, tiveram que se “civilizar” conforme os padrões mesoamericanos, isto é, adotar traços culturais do estranho meio e assimilar, ativamente, costumes e símbolos.

Após vários anos de peregrinação pelo Altiplano Central, os mexicas estabeleceram-se em Chapultepec, ou *Cerro dos Grilos*, em 1280. Mas isso não foi visto com bons olhos por outras cidades da região, pois Chapultepec era estrategicamente importante por suas nascentes de água e estava sob o controle de Azcapotzalco, dos tepanecas, que expulsaram e dispersaram os mexicas em 1299, quase os aniquilando como grupo. Parte dos mexicas se estabeleceu como subordinada em povoados controlados pelos tepanecas, outra parte emigrou para uma região do Lago Texcoco controlada por Culhuacan e outra ainda adentrou uma ilha no Lago Texcoco que também pertencia ao Senhor de Azcapotzalco, de quem se tornaram tributários.

29. Cf. NAVARRETE LINARES, Federico. *La migración de los mexicas*.



Mapa 7: Tríplice Aliança e demais cidades do Vale do México localizadas pelos seus glifos. *Arqueologia mexicana*, vol. III, nº 15, pág. 21.

Em 1325, os mexicas que haviam adentrado a ilha fundaram México-Tenochtitlan. Vale aqui frisar novamente o olhar retrospectivo presente nas fontes que tratam da fundação de Tenochtitlan, concebendo-a, desde suas origens, com a importância que teria no momento presente, quando a cidade era uma espécie de capital mesoamericana.³⁰

30. Doris Heyden procura explicar as relações entre a cultura mexicana e a teotihuacana, mostrando as origens anteriores dos elementos que formam o símbolo da fundação de Tenochtitlan – a água, a pedra, o lago e o nopal – em Teotihuacan. Cf. HEYDEN, Doris. *México: origens de um símbolo*.

A região teria sido escolhida para findar as migrações por coincidir com os símbolos indicados por Huitzilopochtli – a água sobre o nopal que cresce sobre uma pedra – e por ser parecida com o lugar de origem – uma porção de terra em meio a um lago. A escolha parece não ter sido consenso entre os mexicas, pois um grupo dissidente foi ocupar outra parte da ilha depois de 1338 e fundou a cidade de México-Tlatelolco, que futuramente se converteria na sede de um importante mercado ligado a extensas redes de comércio.

O crescimento da importância das duas cidades mexicas (Tenochtitlan e Tlatelolco) nas disputas político-comerciais da região trouxe a legitimidade para esses assentamentos e a necessidade de uma linhagem nobre de soberanos, fato que se consolidou no último quarto do século XIV com a eleição de seus *tlatoque* (plural de *tlatoani*, *soberano* ou *aquela que tem a palavra*): Acamapichtli e Cuacuauhuitzahuac, respectivamente senhores de Tenochtitlan e Tlatelolco e de origens culhua e tepaneca.

Os senhores mexicas se affiançaram politicamente nas duas maiores cidades da região do Lago Texcoco (Culhuacan e Azcapotzalco) e participaram de uma série de conquistas, principalmente ao lado de Azcapotzalco contra Chalco, Xochimilco, Cuiclahuac, Mizquic, Xaltocan, Cuauhtitlan, Tulancingo, Texcoco, Huaxtepec, Cuauhtinchan.

Até 1428, os mexicas foram tributários dos tepanecas, quando elegeram um soberano, Itzcoatl, que não foi reconhecido por seus tributadores. Os mexicas buscaram então o apoio dos acolhuas chefiados por Nezahualcoyotl, soberano da cidade de Texcoco, e com os tepanecas da cidade de Tlacopan. Estava formada a Tríplice Aliança, que lutou e venceu a poderosa cidade de Azcapotzalco. Era o início de uma campanha guerreira que, em menos de um século, chegaria até a costa do Golfo, o litoral do Pacífico e a atual Guatemala.

Tenochtitlan tornou-se em pouco tempo a nova *Huey Tollan* ou *Grande Tula*, sinônimo de capital mesoamericana. Os mexicas passaram a dominar as rotas comerciais e receber tributos de praticamente toda a Mesoamérica, na qual o nahuatl se tornou uma espécie de língua franca. Os povos de Culhuacan, Texcoco, Chalco, Azcapotzalco e Tlaxcala

adotaram o calendário tenochca: a Nova Tula comandava a história da idade atual, do Quinto Sol.

Nesse processo de expansão, os mexicas absorveram parte da cultura mesoamericana, como haviam feito os toltecas, de quem os mexicas se consideravam sucessores. Os toltecas foram os primeiros nahuas que adentraram a região e fundaram um poderoso reino em meio a antigos povos: identificar-se aos toltecas era identificar-se a uma bem-sucedida história.

Nesse processo ativo de assimilação cultural, os mexicas promoveram a introdução de Huitzilopochtli – deus grupal trazido de Aztlan – nos antigos episódios cosmogônicos, nos quais figuravam Quetzalcoatl, Tezcatlipoca, Tlaloc e uma série de outras antigas deidades mesoamericanas. Criaram um novo capítulo na tradicional narrativa mesoamericana das sucessivas criações dos sóis e humanidades: Nahuí Ollin ou Sol Quatro Movimento. O funcionamento do mundo durante essa quinta idade deveria ser mantido com o sacrifício de cativos, cuja captura poderia se dar por meio de guerras, chamadas de *guerras floridas*, tarefa para a qual os mexicas se acreditavam os escolhidos executores.³¹ Essa é a visão da história mexica que está na maioria das crônicas dos religiosos espanhóis como Bernardino de Sahagún, Diego Durán e José de Acosta.

Tradicionalmente, a região mesoamericana organizava-se politicamente em *tlatoayotl* ou *senhorios*, formados por um centro político, administrativo e religioso que polarizava vários *calpulli*, espécie de unidade territorial baseada no parentesco. Por vezes, um grande *tlatoayotl* conseguia polarizar e tributar outras cidades ou povoados distantes, que por sua vez poderiam preservar suas relações e poderes locais, formando assim uma rede vasta e intrincada de relações políticas, comerciais, tributárias, militares e de parentesco. A região mesoamericana conheceu, ao longo de sua história, o crescimento e desaparecimento de diversos grupos que formaram essas redes de relações e domínios, baseadas princí-

palmente nos tributos, no comércio e na guerra: olmecas, zapotecas, maias, teotihuacanos, mixtecas e toltecas são exemplos anteriores aos mexicas. Por meio de campanhas militares e da formação de confederações, os mexicas foram, pouco a pouco, construindo e impondo uma enorme rede de relações tributárias, comerciais, militares e ideológicas. Essas relações específicas nos impedem de rotular Tenochtitlan – e sua cidade irmã Tlatelolco – como a sede de um império moderno com uma burocracia centralizada, pois o poder da Tríplice Aliança girava em torno dos tributos, das guarnições comerciais e militares, da sobreposição de deuses, das redes de alianças matrimoniais e dos laços de parentesco disseminados por todos seus domínios.

A cidade de Tenochtitlan³² contava, em 1519, com mais de cinquenta *calpulli*, a maioria dos quais não cultivava a terra. Todos aqueles que não eram *pipiltin* – nobres ou principais – faziam parte de algum *calpulli*, cujo conjunto formava o grande grupo de *macéhuatlín*, ou a população similiares, tornando-se *tlatlacotin*, uma espécie de *servo particular*, condição passível de reversão e que não era legada aos descendentes. Além desses grupos, existiam diferentes categorias de *pochtecas* ou *comerciantes*, que negociavam e espionavam nas mais distantes terras sob o patrocínio do *tlatoani* ou o *soberano*: *aquela que tem a palavra preciosa*. Esse era o título do famoso Moctezuma II, na época da chegada dos espanhóis, que lhe tornava chefe dos exércitos, autoridade religiosa e juiz supremo. Seu poder era conferido por eleição entre um pequeno número de *pipiltin* que, após dias, deveriam chegar a uma decisão unânime. Seu cargo era completado por um assistente conselheiro, chamado de *cihuacoatl* ou *serpente fêmea*, cargo que, apesar do nome, também era exercido por um homem.

31. Cf. GONZÁLEZ TORRES, Yolotl. "El sacrificio humano entre los mexicas." In: *Arqueología Mexicana: los mexicas*, vol. III, n° 15, págs. 14–19.

32. As estimativas populacionais para Tenochtitlan são muito variadas e as cifras variam entre 120.000 e 1.000.000 de habitantes. Cf. McCAA, Roberto. *¿Fue el siglo XVI una catástrofe demográfica para México? Una respuesta basada en la demografía histórica no cuantitativa*.

Os domínios mexicas abrangeram mais de 200.000 km², formando um verdadeiro mosaico de povos antigos e migrados, em lutas e alianças. Esse mosaico era ainda enriquecido pela diversidade social interna desses grupos. No fim do reinado de Moctezuma II, época do início da invasão espanhola, os mexicas tributavam trinta e oito províncias ao longo de Oaxaca e Xoconochco, atingiram o Pacífico em Cihuatlan e o Atlântico desde Tochtupan até Tochtepec, atuais Tuxpan (Veracruz) e Tuxtepec (Oaxaca). Ao norte, foram até a fronteira da Mesoamérica com os chichimecas; a nordeste, com os huastecas, e a sudeste, com a província independente e aliada de Xicalanco.

Apesar do crescente poder gerado pelas regiões dominadas, os mexicas não conseguiram dominar toda a Mesoamérica³³, fato que é de fundamental importância para entendermos o êxito da invasão espanhola que contou com importantíssimos aliados indígenas, como os tlaxcaltecas. Em outras palavras, os espanhóis adentraram uma organização política dinâmica e recente promovida pelos mexicas e, utilizando-se das inimizadas centenárias, conseguiram introduzir-se na rede de poderes e alianças locais e, gradualmente, obter o controle político da região. O processo de conquista dos povos indígenas da Mesoamérica não se resumiu apenas com a derrota de Tenochtitlan em 1521, mas continuou por todo o Período Colonial e, de outras formas e com outros objetivos, segue até os dias de hoje.

O entendimento da história mesoamericana em tempos pré-hispânicos é fundamental para a análise das crônicas religiosas espanholas e das fontes coloniais nativas, pois estas narrativas tentaram retratar, conforme seus objetivos específicos, parte desse mundo complexo. Não podemos analisar razoavelmente essas fontes, suas informações sobre os deuses ou explicações sobre as origens, sem levar em conta a diversidade de grupos mesoamericanos e a intrincada rede de relações que,

certamente, explicam, por exemplo, a forma apologética ou depreciativa pela qual algumas deidades foram narradas. Ou seja, os produtores das fontes coloniais nativas e os informantes indígenas eram membros de determinados grupos que faziam parte desse complexo mundo; aquilo que narraram ou informaram aos religiosos espanhóis estava ancorado em características culturais comuns aos povos mesoamericanos – como o calendário –, mas também em particularidades de seu grupo, como a importância de determinada deidade ou da história local.

PENSAMENTO E ESCRITA

Pelo mesmo motivo que foi necessário tratar da história dos povos mesoamericanos, trataremos de seu pensamento e de seu sistema de escrita. Sei que também não é muito comum à tradição histórico-filosófica ocidental admitir a existência de um pensamento indígena de uma determinada região. No máximo se fala em um pensamento mítico que, independentemente do grupo ou época, teria sempre uma mesma estrutura de funcionamento. Essa forma de o mundo ocidental olhar as civilizações americanas tende a desqualificar qualquer outra explicação do mundo que rivalize com a sua.

Esse processo de desqualificação possui duas vertentes: a já citada naturalização das outras culturas, isto é, o desinteresse ou mesmo a negação dos processos históricos desses grupos, e o lançamento de toda a produção intelectual de explicações e reflexões sobre o funcionamento do mundo e sobre a condição humana no campo das fábulas ou da imaginação. É como se os outros povos, por não possuírem o método científico moderno, supostamente o único que pode conduzir às verdadeiras explicações, inventassem fábulas apenas para satisfazer a curiosidade inata ao homem. Veremos nas linhas seguintes que, novamente, as coisas não funcionam desse modo.

Como vimos no início deste capítulo, a região da Mesoamérica é delimitada pela existência de uma série de características culturais

33. Os povos que se mantiveram independentes do domínio mexica foram: os tarascos de Michoacan, os tlaxcaltecas de Tlaxcala (que se aliou a Huexotzincó e Cholula), a cidade de Metziltlan, a região dos índios yopinas na costa do Pacífico e a região dos chinantecas, próxima ao Vale de Oaxaca.